



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**WINNIE RODRIGUES HOLANDA**

**FORMAÇÃO DE LEITORES E QUESTÕES DE GÊNERO ATRAVÉS**  
**DOS MANGÁS SHONEN E SHOUJO**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2018**

**WINNIE RODRIGUES HOLANDA**

**FORMAÇÃO DE LEITORES E QUESTÕES DE GÊNERO ATRAVÉS  
DOS MANGÁS SHONEN E SHOUJO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de  
Formação de Professores da Universidade  
Federal de Campina Grande – *Campus* de  
Cajazeiras - como requisito de avaliação  
para obtenção do título de licenciada em  
Letras.**

**Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de  
Queiroga**

**Co-Orientadora: Profa. Dra. Lígia Regina  
Calado de Medeiros**

**CAJAZEIRAS – PB**

**2018**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

H722f Holanda, Winnie Rodrigues.  
Formação de leitores e questões de gênero através dos Mangás Shonen e Shoujo / Winnie Rodrigues Holanda. - Cajazeiras, 2018.  
50f.: il.  
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga.  
Coorientadora: Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2018.

1. Formação de leitores. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Mangá. 4. Questões de Gênero. I. Queiroga, Marcílio Garcia de. II. Medeiros, Lígia Regina Calado de. III. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

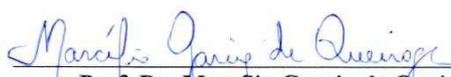
WINNIE RODRIGUES HOLANDA

**FORMAÇÃO DE LEITORES E QUESTÕES DE  
GÊNERO ATRAVÉS DOS MANGÁS SHONEN E SHOUJO**

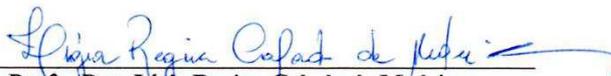
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura  
em Letras/Língua Portuguesa, do  
Centro de Formação de Professores da  
Universidade Federal de Campina  
Grande – *Campus* de Cajazeiras -  
como requisito de avaliação para  
obtenção do título de licenciado em  
Letras.

Aprovado em: 14 / 12 / 2018

**Banca Examinadora:**



Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga  
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros  
(UAL/CFP/UFCG – Co-orientadora / Examinador 1)



Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa  
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

Aos meus dois amigos, Daniel e Henrique, pessoas que amei conhecer nesses quatro anos e com quem partilhei minha vida. Obrigada pelo carinho, a paciência e pela capacidade de me trazerem paz na correria de cada semestre e da minha vida. Eu amo vocês.

## AGRADECIMENTOS

Queria agradecer primeiramente a cada professor que passou pela minha formação, antes e durante a graduação, em especial ao meu Orientador Dr. Marcílio Garcia de Queiroga, que esteve comigo não só como orientador, mas como amigo, que soube ser paciente e ao mesmo tempo firme quando necessário. Obrigada pela oportunidade e apoio na elaboração do meu TCC, divido contigo o amor pela literatura infanto-juvenil e o gosto por séries.

Também gostaria de agradecer à minha Co-Orientadora, Profa. Dra. Lígia Regina Calado de Medeiros, que além de professora, vejo como amiga, que me proporcionou grandes oportunidades na faculdade, em especial no GAEL. Obrigada por tudo, você é um exemplo de mulher e professora.

Aos meus amigos do GAEL, muito obrigada! Eu amo fazer parte desse grupo lindo, principalmente por ter me aproximado de pessoas lindas, como Jana, Claudia, Menya, Neidinha, Eliziana, e todos do grupo. Adoro vocês!

Meu agradecimento aos meus amigos. Cada um foi essencial em minha vida e para que eu chegasse aqui, Daniel e Henrique vocês já sabem o quanto amo os dois, e como eu não tenho palavras pra agradecer o que fizeram por mim. Vou morrer de saudades.

Quero deixar meu carinho especial e sincero aos meus amigos do CALMA: Sidney, Meiri, Welle, Milena, Jessica. Com vocês tenho algo na qual eu sinto muito orgulho, e agradeço poder compartilhar isso com vocês. Sentirei falta das nossas reuniões, até mesmo das discussões, e mesmo sendo costumeiramente do contra eu sempre vou amar cada um de vocês. Desejo que continuem essas pessoas lindas e fortes que eu sei que são e sejam felizes. Estou de olho em vocês. Continuem fazendo a diferença. Raquel, obrigada por cada trabalho feito, mostramos a todos que éramos capazes.

Maiane, meu presente nesses últimos meses, obrigada por toda ajuda, todo carinho e atenção, você foi a luz no fim do túnel. Não como tenho como agradecer o que fez por mim, então: “paz e amor pro universo”, e deixo esse trequinho de música pra você, “Já não me preocupo se eu não sei por quê. Às vezes o que eu vejo quase ninguém vê. E eu sei que você sabe quase sem querer. Que eu quero o mesmo que você.”

Aos amigos fora da universidade quero agradecer primeiramente ao Afonso, amigo que esteve comigo desde o início, que sempre soube ouvir e que mesmo longe segurou minha mão, soube dar conselho quando eu precisei, soube ter calma também, eu te amo mais que tudo, torço pela sua felicidade. Quero agradecer aos meus amigos da minha vida Fran,

Samara, Jade, Yago, Caio, Misael, Euller, Taynah, Luana, vocês são minha segunda família, que distancia nenhuma separa, amo cada um de vocês.

Aos meus amigos do “Friends”. Vocês fazem parte da minha vida. Como eu amo vocês! E como eu fico bem quando estou com vocês.

Ph, meu amor, obrigada por estar comigo nessa jornada que não foi nada fácil. Obrigado por ser meu companheiro, meu amigo, você foi meu abrigo nas horas que mais precisei, carinhoso e compreensivo. Obrigada por entender os dias que eu não estava com você, e por não me deixar desistir. “É que denngo, em você encontrei o meu melhor, e não consigo amarrar um outro nó com alguém além de ti meu bem, não sei por quem eu denngo eu consigo planejar todo um futuro. Do teu lado e parece tão seguro. Me envolver. E sentir. E querer Teu denngo”.

À minha família, pai, mãe e minha irmã, eu não tenho palavras para agradecer tudo que fizeram por mim. Pai e mãe, obrigada por tudo, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Sou muito feliz por ter vocês como meu alicerce. À minha mãe, Lili, agradeço muito por estar ao meu lado, mesmo eu não sendo a filha mais fácil de lidar, mas obrigada por respeitar quem eu sou, mesmo às vezes sendo difícil entender, eu te amo. Ao meu pai, Wilson, agradeço por fazer tudo para me fazer feliz, e por acreditar nos meus sonhos. Eu te amo muito! À minha irmã Ariel, agradeço a companhia nesses quatro anos. Não foi nada fácil, principalmente para nós duas, mas o sentimento mais sincero do meu coração: eu amo você. Agradeço à minha avó, Graça, por tudo, e minha prima Mabel. Sem esquecer também de agradecer à minha madrinha Lilian, muito da minha educação devo a você. Agradeço aos meus familiares que torceram por mim, meus primos (as), tios e tias.

Eu ainda tenho tantas pessoas a agradecer, mas os que fizeram parte desse momento da minha vida se sintam abraçados, eu agradeço a cada um o carinho e por compartilhar um segundo que seja dessa parte da minha vida. Obrigada a todos e todas!

“Com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”

Stan Lee

## RESUMO

Este trabalho se propõe a apresentar o mangá como uma ferramenta efetiva tanto para a formação de leitores, quanto para a discussão de questões relacionadas à representação do masculino e do feminino para o trabalho de leitura com o público infanto-juvenil. O ponto de partida são textos que apontam as dificuldades enfrentadas por estudantes e professores no que se refere à leitura em sala de aula. Ao mesmo tempo, apresenta-se um novo olhar cultural, o oriental, pouco explorado em salas de aula, ainda que o gênero textual mangá seja de grande alcance em todo o mundo. O texto em quadrinhos apresenta um diferencial aos alunos, pois torna a leitura mais atrativa ao mesclar a presença dos textos verbal e não-verbal, que contribuem para um olhar mais atento e curioso aos detalhes. O trabalho também apresenta a relação do mangá com os estudos das questões de gênero, partindo da divisão entre o *Shonen* Mangá e o *Shoujo* Mangá, e focando na representação feminina nas histórias em quadrinhos orientais, tanto no quesito de construção do texto, relacionado às personagens e como são apresentadas, quanto no que diz respeito à conquista de espaço das escritoras em um meio predominantemente masculino: o da produção de mangás.

**Palavras-chave:** Mangá; Formação de Leitores; Questões de Gênero.

## **ABSTRACT**

This work is presented as a model of a more effective task both for the formation of readers and for the task of representing the masculine and feminine journey without the reading work of the young adult public. The starting point are the texts that point out how the difficulties faced by students and teachers who do not agree with the reading of the classroom. "Even in time, it presents a new cultural view, the Eastern one, little explored in classrooms, although the mangagenre is of wide reach throughout the world. The comic book presents a differential to the students, because it makes a more present reading to blend the presence of verbal and nonverbal texts, which contribute to a more attentive and curious look at the details. The work also presents a working relationship with the students of gender issues, starting from the division between ShonenManga and the ShoujoManga, and focusing on the presentation in the oriental comics, both in terms of the construction of the text, as in the characters and how they are about what to do in a predominantly male medium: that of manga production.

**Keywords:** Manga; Training of Readers; Gender Issues.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 FORMAÇÃO DE LEITORES.....</b>	<b>13</b>
1.1 MANGÁ: UMA FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	16
<b>2 O MANGÁ NA SALA DE AULA: DISCUTINDO QUESTÕES DE     GÊNERO.....</b>	<b>24</b>
<b>3 A CULTURA DO MANGÁ SHOUJO- UM OLHAR SOBRE A FIGURA     FEMININA.....</b>	<b>36</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERENCIA.....</b>	<b>48</b>

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura1 – Maneira Correta de ler um mangá: do final e da direita para a esquerda.....	21
Figura2 – Capa do Mangá Cavaleiros do Zodíaco.....	22
Figura3 – Cena do anime Cavaleiro do Zodíaco.....	22
Figura4 – Capa do Mangá Dragon Ball.....	24
Figura5 – Capa do Mangá Sakura Card Captors.....	24
Figura6 – Capas de Mangás Shounen.....	30
Figura7 – Capas de Mangás Shoujo.....	30
Figura8 – Personagens de Mangás Shounen.....	33
Figura9 – Mangá Shoujo.....	34
Figura10 – Personagem Urushibara Ruka.....	35
Figura11- Sailor Moon.....	36
Figura12 – Ilustração Yumeji Takehis.....	42
Figura 13- Cena do anime One Piece.....	43
Figura14 – Mangás Suki-tte li na yo.....	44
Figura15 – Mangá Rosa de Versalhes.....	45
Figura 16–Mangá Ōoku.....	47
Figura 17 – Grupo CLAMP.....	48

## INTRODUÇÃO

Os mangás sempre me causaram fascínio e esta foi a razão principal que me levou à escolha desta temática para o trabalho de conclusão de curso. Surgiu do apreço pelas histórias em quadrinhos e por ter adquirido o gosto pela leitura a partir desse gênero textual, por acreditar em seus aspectos múltiplos favoráveis à formação do indivíduo. Parto de minha experiência pessoal, inicialmente, para recomendar a aplicação dos Mangás<sup>1</sup> em sala de aula. Podemos ressaltar, de maneira geral, que estes textos fazem parte do universo de leitura dos brasileiros, sendo encontrados nos mais diferentes espaços, meios e atividades: na publicidade, em revistas, livros didáticos, jornais, campanhas educativas e até em provas do Enem, ressaltando-se o recurso da linguagem verbal e da linguagem não verbal, que contribui para a formação de leitores, principalmente pelos seus atributos visuais que estimula os leitores infanto-juvenis, de forma atrativa.

Esta pesquisa tem por objetivo apresentar o mangá como ferramenta que pode despertar o interesse de alunos em seu processo de formação leitora, bem como meio para discutir questões de gênero em sala de aula, mais especificamente a representação masculina e feminina. No entanto, para utilizarmos toda a potencialidade dos mangás, em sala de aula é preciso entender a sua linguagem. A linguagem diversificada dos quadrinhos orientais pode elucidar assuntos abordados pelo professor, colaborar com a aprendizagem do aluno, reforçar conteúdos, estimular o pensamento crítico, além de poder ser usada como atividade criativa.

É possível perceber no Ocidente que os quadrinhos têm mantido um diálogo cultural e social, como também com literatura. Esse equivalente no Japão é o mangá. As histórias em quadrinhos (HQs) em geral apresentam características parecidas com os dos quadrinhos orientais que se diferenciam por algumas mudanças no estilo do desenho e contexto cultural, que por sua vez, podem apresentar grande importância social. Os mangás oferecem uma carga cultural para o Ocidente que vem tomando conta do cotidiano dos nossos jovens através dos mais variados produtos gerados a partir deles. Devemos refletir sobre o elemento cultural dos mangás e trabalhá-lo em sala de aula, visualizando especialmente as questões de segmentação de público: tradicionalmente ocorre uma divisão entre os mangás para meninos, conhecidos como *Shounen* Mangá, e mangá para meninas, conhecido como *Shoujo* Mangá.

Tendo em vista a utilização do conceito de gênero (aqui me refiro às questões sobre o masculino e feminino) em sala de aula, que será utilizado com o intuito de relacionar os

---

<sup>1</sup>No Japão, o termo designa as histórias em quadrinhos.

elementos do mangá que compõem a formação da(s) identidade(s) do(s) leitor(e)s infanto-juvenis, sua interação com o mundo e pessoas a sua volta, ou seja, de que modo mangás levam os jovens a visualizarem as questões de gênero. Os mangás atingem públicos com idades variadas, justamente por serem uma mídia cheia de significados, códigos visuais, imagens.

Após entender um pouco da cultura que envolve mangá, o professor poderá expor as revistinhas orientais e igualmente as HQ's brasileiras e americanas para a turma em sala de aula, de maneira que os alunos possam perceber os diferentes traços e discutir contextos históricos e culturais distintos. Os mangás podem trazer uma reflexão ao seu público leitor, levando-o a aprender e buscar mais informações sobre a temática apresentada no texto, principalmente diferenças culturais que possam surgir na história. Assim, compreendendo a diversidade dos mangás e sua conexão com o público jovem, partimos da ideia de que eles podem incentivar a formação de leitores.

No primeiro capítulo trago a relação da formação de leitores e sua relevância, dando foco ao mangá como ferramenta de incentivo para os alunos, por conter textos verbais e não-verbais. No mangá há uma interação entre o texto e a imagem, que é responsável por indicar por parte das mensagens envolvidas no texto que contribui para uma leitura mais atrativa, levando em consideração o sucesso que os mangás fazem com o público infanto-juvenil. No segundo capítulo, trato da relação das questões de gênero em sala de aula, através da leitura do mangá, e a divisão do público leitor. Um dos principais motivos é o de serem divididos em categorias que mantêm relação com a cultura japonesa. As histórias em quadrinhos japonesa são feitas para um público específico, o que mostra uma relação direta com o contexto social. O terceiro capítulo traz a visão do *Shoujo* Mangá e a representação do feminino, relacionado às personagens e como estas são apresentadas. O espaço dos mangás que passou a ter participação das mulheres, diz respeito a um espaço antes predominado por homens. Este estudo é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico. Para esta investigação destacam-se alguns autores que auxiliaram no desenvolvimento, na compreensão e na apreciação de conceitos que foram significativos para a discussão das questões investigadas, entre eles Cosson (2016), Vergueiro (2008), Ramos (2010), Luyten (2005), Louro (1997), Saffioti (2004), Scott (1995), entre outros teóricos.

## 1 FORMAÇÃO DE LEITORES

A necessidade de tornar a leitura mais atrativa nas escolas e levar os alunos a refletir sobre a importância do ato de ler é de suma relevância para a formação de leitores. Os professores, preocupados com o engajamento em tal missão, devem procurar meios de explorar a compreensão de seus discentes oferecendo materiais de naturezas diversas, meios que envolvam sua atenção para o mundo o qual os textos podem oferecer.

A leitura é indispensável na vida de qualquer pessoa. Compreendo que a leitura não é apenas escolarizada, muito embora a escola seja, muitas vezes, o seu espaço de concretização ou de ampliação, principalmente no caso do texto literário. É importante lembrar que a leitura, de modo geral, ultrapassa os muros escolares e pode ser vista como um ato de inclusão no meio social, levando o sujeito-leitor a ser um cidadão mais crítico e participativo. Desde as séries iniciais as crianças já são incentivadas à prática da leitura, esta também devendo ser estimulada no espaço familiar, compreendido como primeiro núcleo social da criança. A prática de leitura deve acontecer de maneira espontânea, através de um simples ato dos pais de dar a seus filhos livros para folhear ou de ler figuras e imagens, como forma de incentivar a leitura das crianças. No entanto, é preciso esclarecer que grande parte do processo de consolidação da formação de leitores se dá no âmbito da escola, sem esquecer que o leitor se forma tanto dentro quanto fora da escola, não cabendo unicamente a ela esta tarefa. No entanto, a escola sistematiza, organiza e conduz esta formação.

Conforme Zilberman (1991), é na escola que o ato de ler assume sua função democrática, onde o aluno terá a oportunidade de encontrar diversos modelos de textos, ampliando o seu interesse pela leitura. Entretanto, mesmo incentivando os estudantes os professores relatam algumas dificuldades, em que o alunado demonstra não ter interesse em ler os textos que são oferecidos nas escolas, ou leem, mas não conseguem se interessar, ou têm dificuldade na compreensão. Bordini e Aguiar (1988) expõem o crescente desinteresse pela literatura entre os alunos. É pequena a quantidade de discentes que tem entusiasmo pela literatura, cânone<sup>2</sup>, pois existe uma certa dificuldade em considerar leitura como algo atrativo

---

<sup>2</sup>**Cânone** é um termo que deriva do grego “*kanón*”, utilizado para designar uma vara que servia de referência como unidade de medida. Na Língua Portuguesa o termo adquiriu o significado geral de **regra**, **preceito** ou **norma**. Em determinados contextos, a palavra cânone pode ter significados mais específicos.

Na literatura, é um conjunto de livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura. "Macunaíma", de Mário de Andrade, ou "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa, podem ser consideradas obras cânones da literatura brasileira.

e fácil de interpretar. Considerando, também, que as instituições educacionais devem ser um ambiente que estimule e provoque os alunos (as) à leitura, bem como pelo fato dos alunos (as) leitores (as), já trazerem consigo uma carga de conhecimento antes de entrarem para a escola, então cabe ao professor trabalhar esses aspectos.

Sendo assim, observamos que existe uma necessidade de tornar os textos apresentados em sala de aula mais próximos dos alunos, buscando expor diferentes aspectos da leitura, uma vez que os estudantes apresentam dificuldades para ler e compreender os textos muitas vezes por não terem empatia e proximidade com obras vinculadas no ambiente escolar.

Segundo Rildo Cosson (2016), os textos literários, quando tomados como referência na escola, são fragmentados e servem, na maioria das vezes, para comprovar apenas características dos períodos literários, o que não colabora para a construção de leitores interessados. Cosson também nos fala em relação aos professores que:

Os que se prendem aos programas curriculares escritos a partir da história da literatura precisam vencer uma noção conteudista do ensino para compreender que, mais que um conhecimento literário, o que se pode trazer ao aluno é uma experiência de leitura a ser compartilhada (COSSON, 2016, p.26).

Para o estudioso, diante deste modelo é possível ver uma falta de estímulo na busca por outros textos que fujam dos clássicos. Isso ocorre porque a relação dos alunos com os livros na escola é habitualmente uma sequência de aulas, aonde as leituras se tornam monótonas. Isso sucede em razão da maioria dos textos que leem serem indicados pelos professores apenas para observação de características das escolas literárias, uma abordagem nada significativa e atraente para os alunos, o que vem a tornar a experiência cansativa, por não se aproximar da vivência do aluno.

O referido autor afirma que muitas vezes as escolas se esquecem de oferecer em seus acervos livros mais recentes que possam fazer parte do cotidiano do aluno. Desta forma, eles passam boa parte da sua vida escolar sem entender os benefícios e a necessidade da leitura. É preciso que o professor utilize novos dispositivos de ensino em sala de aula, para tornar o ato de ler prazeroso, que tenham significado e ampliem o conhecimento dos estudantes.

Vemos nos mangás uma ferramenta didática eficiente no processo de formação de leitores, pois estes quadrinhos japoneses trazem, além das características peculiares às HQs, um olhar diferenciado no sentido de apresentar visões referentes a uma cultura completamente diferente da nossa, uma forma de ver o mundo que pode provocar nos leitores uma reflexão sobre o seu próprio mundo, as coisas que o cercam. O trabalho com o mangá ainda é

carregado de preconceitos, dado que as histórias em quadrinhos são vistas como um subgênero, muito embora pesquisas demonstrem que os quadrinhos são efetivos no sentido de despertar o interesse e cativar os estudantes em processo de formação leitora.

Para Ramos (2016), teórico no estudo das histórias em quadrinhos, as HQs apresentam uma linguagem autônoma que se utiliza de mecanismos próprios e abrigam um grande número de gêneros textuais diferentes, atingindo um grande público. Já Waldomiro Vergueiro (2018) apresenta algumas informações sobre a utilização das HQs em sala de aula:

A distância que separa as HQs do ambiente escolar já não é tão grande. Podemos até dizer que elas estão nas salas de aula. Porém, isso não significa que tudo mudou e que vivemos o melhor dos mundos possíveis, como diria Voltaire. Ao contrário, ainda existem muitas dúvidas, inquietações e preconceito entre professores, autoridades de ensino, pais e, por incrível que pareça, até entre alunos. Em muitos aspectos, sentimos que as restrições contra os quadrinhos na sala de aula não acabaram, foram apenas postas de lado, como se tivessem saído de moda ou não caísse bem se manifestar contra um meio de comunicação de massa tão popular, que invade as telas cinematográficas em megaproduções sucessivas, fazendo sucesso na TV e evoluindo para criações mais ambiciosas, atraindo públicos de todas as idades e segmentos que, hoje, não se envergonham de estampar no peito seus personagens e heróis preferidos (VERGUEIRO, 2018, p.11).

Mesmo sendo um gênero textual ainda cercado de preconceitos, as histórias em quadrinhos foram incluídas como elemento constituinte do processo didático. Sua introdução no ensino se sucedeu por meio de diversas medidas formais, e pela necessidade de inserção de outras linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio. Após um tempo foram inseridas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no final dos anos 1990, que trouxeram uma releitura das práticas pedagógicas aplicadas na escola e criaram novo referencial a ser adotado pelos professores nos ensinos fundamentais e médio, neles incluindo as histórias em quadrinhos, bem como em projetos educacionais específicos.

Aos poucos, o “redescobrimto” das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sendo sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento (VERGUEIRO, 2010, p. 17).

Para Peter Hunt (2010), os textos voltados para o público infantil têm uma abordagem acadêmica, transformando-os em algo muito distante das crianças, mesmo que sejam feitos

para esse público. São pensados por adultos e seu entendimento de infância. É necessário que exista uma coerência para os textos que são desenvolvidos para esse grupo, o que exige também uma maior clareza da leitura como prática social, que requer um leitor reflexivo, atento e capaz de adquirir conhecimentos a partir do texto.

É imprescindível esclarecer que para formar um bom leitor é necessário que se estabeleça um vínculo entre o leitor e o texto, que exista uma identificação e interesse do leitor.

### 1.1 MANGÁ UMA FERRAMENTA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Compreendendo a necessidade de trazer uma leitura mais atrativa para os alunos (as), é indispensável que o professor de Língua Portuguesa/Literatura, tenha novas ferramentas de ensino em sala de aula que sejam capazes de auxiliar o seu trabalho de modo produtivo e atrativo no processo de formação do leitor.

Partindo desta ideia, vemos a utilização do mangá em sala de aula como um grande potencial de discussão devido à sua forma e ao seu conteúdo específicos. No que diz respeito à forma, o volume de textos verbais e não verbais que nos são fornecidos devido às variedades do gênero, possibilita discussões sobre aspectos de editoração, *layout*, composição visual, características das histórias em quadrinhos, tais como os balões, diálogos, quadros, criação de movimentos e com relação ao conteúdo, aspectos culturais que apontam a possibilidade de análise da representação dos personagens masculinos e femininos devido ao gênero ser direcionado a públicos específicos.

Conforme Aguiar (2004), a ciência diz que o cérebro humano é formado por dois hemisférios e tem funções distintas, sendo o lado esquerdo dominante no controle da fala e da linguagem verbal e nas capacidades lógico-analíticas; enquanto o lado direito é responsável por mobilizar uma resposta não-verbal, sobressaindo-se em tarefas visuais e motoras. No mangá a interação entre palavra e imagem indica, por parte das mensagens envolvidas no texto, uma série de imagens fixas, dispostas numa determinada sequência, que se delinea em uma composição de natureza narrativa, em que se movimentam palavras, imagens e balões, promovendo a intersecção dos universos da expressão e do imagético.

Segundo Lígia Cademartori (2010, p.25):

A relação do texto visual com o texto verbal pode se dar de diferentes maneiras e em graus diversos de complexidade: pode ser de autonomia ou de relação complementar, pode ter sentido de confirmação ou de contraponto.

Há obras em que os sentidos da leitura se expandem na interação entre as duas linguagens mesmo quando elas se contradizem. O texto imagístico pode se opor ao que diz o texto com palavra, caso em que o escritor e ilustrador utilizem as diferentes qualidades de suas respectivas artes para comunicar informações diversas.

Para a autora, o ponto principal entre o texto verbal e o texto visual é que existe uma contribuição, que proporciona diferentes maneiras e graus de complexidade. É necessário que o professor estimule sua turma e mostre que a leitura é uma prática social, fazendo com que os leitores percebam a necessidade de ler não somente para compreender, mas também para se comunicar. A relação entre imagens e texto dentro do mangá assume um grande papel na interação com os alunos, pois existem dois tipos de linguagem, que juntas buscam passar uma mensagem, que pode gerar vários questionamentos e ideias, a serem interpretadas pelos estudantes.

Mas antes que o professor possa introduzir o mangá é necessário entender um pouco o que são essas revistas em quadrinhos. Para Sonia M. Bibe Luyten(2005),o mangá, (desenho caricato, uma versão humorística de algo real e ou histórico) vem do japonês - traduzindo significa literalmente história em quadrinhos -, tornou-se popular no Brasil, o estilo japonês de quadrinhos, pela grande quantidade de japoneses e descendentes residentes em nosso país. Em sala de aula, um ponto que pode render boas discussões é o trabalho com o aspecto cultural, buscando identificar elementos culturais nos quadrinhos de maneira a ampliar o universo de leitura e de conhecimento acerca de outros povos, seus costumes e manifestações artísticas.

Talvez sua maior diferença esteja nos traços do desenho, único, que ficaram famosas através das atribuições e da estilização de Osamu Tezuka<sup>3</sup> (um *mangaká*, termo utilizado para se referir ao desenhista de mangás), que disseminou o sucesso do mangá dentro e fora do Japão e até hoje é lembrado pelo empenho feito. No Japão ele é visto como o "pai do mangá moderno" ou simplesmente *Manga no Kamisama* ("Deus do Mangá"), segundo Vasconcellos (2006).

Ele foi o principal agente da transformação do mangá, graças à abrangência de gêneros e temas que abordou, às nuances de suas caracterizações, aos seus planos ricos em movimento e, acima de tudo, à sua ênfase na

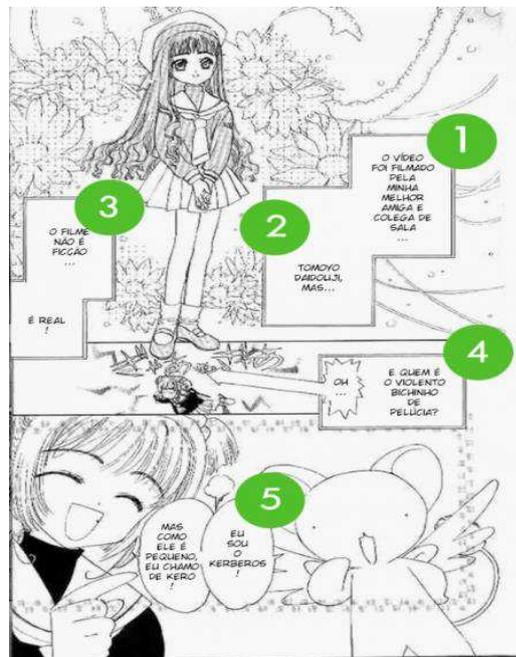
---

<sup>3</sup> Osamu Tezuka (1928-1989): embora seja chamado de o “pai do mangá moderno”, na verdade, ele não o criou, mas o popularizou. Desde criança desenhava e criava suas histórias, assistindo a desenhos animados, especialmente os da Disney. Participava de clubes de história, geografia e música na escola e chegou a pesquisar profundamente os insetos, chegando, aos 17 anos, a iniciar os estudos em medicina (que concluiria em 1951). É o criador dos famosos *Kimba, o leão branco* e *Astro Boy*.

necessidade de uma história envolvente, sem medo de confrontar as questões humanas mais básicas: identidade, perda, morte e injustiça (GRAVETT, 2006, p.28).

As histórias em quadrinhos japonesa apresentam características diferentes das outras HQ's. Por exemplo, os mangás são tipicamente impressos em preto e branco, mas é possível encontrar mangás coloridos. Um dos principais aspectos é a ordem de como é lido. No Japão a leitura é o inverso da ocidental, ou seja, inicia-se da capa do livro com a brochura à sua direita (correspondendo à contracapa ocidental), sendo a leitura das páginas feita da direita para a esquerda.

Figura 1 - Maneira correta de ler um mangá: do final e da direita para a esquerda



Fonte: UOL: <https://s3.static.brasilecola.uol.com.br/img/2016/02/foto5.png>

A linguagem do mangá tem códigos próprios que incluem: o tamanho e formato dos olhos; a proporção entre cabeça, corpo, braços e pernas; os artifícios de imagem usados para dar expressão emotiva aos personagens têm códigos próprios que são facilmente reconhecíveis: rubor nas faces (interesse romântico), gota d'água ao lado do rosto (constrangimento), olhos esbugalhados e dentes pontiagudos (ataque de raiva), nervos estilizados na testa (raiva) etc.

A cultura Japonesa ganhou considerável visibilidade com as exibições de animes<sup>4</sup>na televisão, transmitidos pela antiga TV Manchete, no fim da década de 80. O primeiro anime a ser transmitido foi “Cavaleiros do Zodíaco”, tornando-se uma das precursoras desta cultura no Brasil. Com a exibição dos animes, começou a procura pelos mangás, o que contribuiu para um maior número de histórias traduzidas e exportadas para o Brasil.

Assim, o acesso a estes textos se tornou mais fácil para um novo público que se formava, e contribuiu fortemente para a criação de uma geração de crianças que cresceram assistindo e lendo diariamente parte da cultura pop japonesa.

Figura 2: Capa do Mangá Cavaleiros do Zodíaco

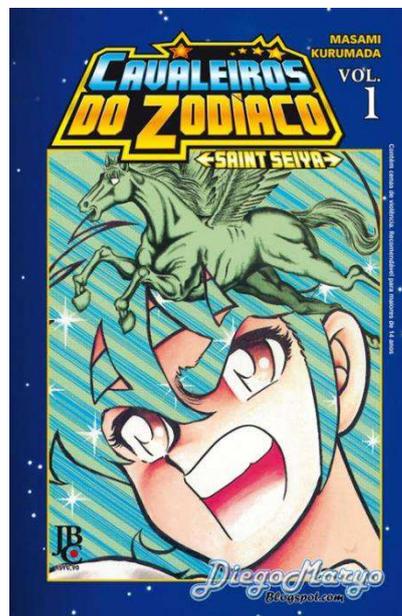


Figura 3: Cena do anime Cavaleiros do Zodíaco.



Fonte: Diego Maryo: <http://diegomaryo.cdz.com.br/manga-cavaleiros-do-zodiaco-saint-seiya-jbc-divulga-capa-brasileira-do-tankohon-classico/>

Fonte: Blogodorum: <https://www.blogodorum.com.br/fotos-dos-personagens-dos-cavaleiros-do-zodiaco>

Para Sonia M. Bibe Luyten, podemos considerar que foram os animes principalmente, que deram grande difusão ao conhecimento dos mangás, cujas séries penetraram primeiramente pela TV e mais tarde pelo cinema. Foi também a época em que as editoras japonesas e os estúdios de cinema e animação começaram a fazer contratos em grande escala com vários países ocidentais, que posteriormente se tornariam consumidores da cultura oriental, fato que acarretaria uma maior demanda desse material e uma maior disseminação da cultura no nosso país, por exemplo. O Brasil foi o primeiro país a produzir mangás fora do

<sup>4</sup>Animação que é produzida por estúdios japoneses.

Japão. Luyten (2005) afirma que os primeiros mangás produzidos no Brasil foram feitos em 1962 por desenhistas descendentes de japoneses, o que destaca a importância do mangá em nosso país desde muito tempo.

Ainda que o anime seja uma adaptação do mangá é necessário salientar que os dois mantêm uma relação de proximidade, o que contribui para o seu desenvolvimento, e crescimento fora do Japão, principalmente com o público infanto-juvenil. A cada dia o mercado para este nicho só vem crescendo em nosso país. Segundo Mark W. MacWilliams (2008, p.114), as histórias em quadrinhos japonesas, hoje, são responsáveis por metade das vendas de HQs. São vendidos mais de dez mil novos títulos, no mundo inteiro, publicados todos os anos, e muitos deles forneceram a inspiração para programas de TV e até mesmo produções teatrais contemporâneas.

Os desenhos animados japoneses (animê), em sua grande maioria, são adaptações para televisão dos mangás de grandes sucessos. Uma vez que um mangá faz muito sucesso com sua publicação, um estúdio de animação compra os direitos de exibição da obra na televisão, vídeo e cinema e começa a produção da animação (VASCONCELLOS, 2006, p.38).

É possível encontrar no mangá uma narrativa imagética japonesa composta por traçados e temas, além de aspectos culturais, sociais, históricos, ideológicos e comportamentais, que viabilizam ao leitor situar-se para além das fronteiras do Japão, estabelecer maior contato com esse país e adquirir mais conhecimento sobre ele.

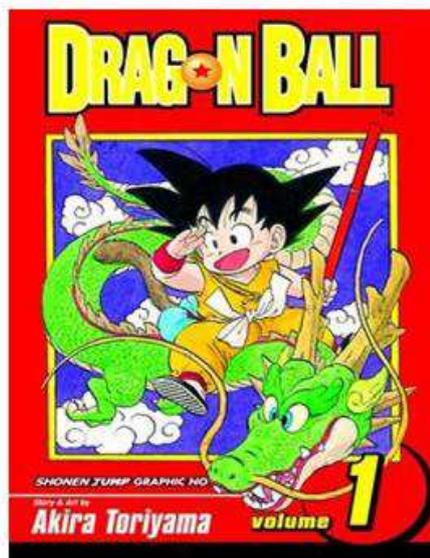
Nas aulas de língua portuguesa os mangás nos permitem explorar a relação crítica dos alunos, como também serem utilizados para atrair a atenção do aluno pela leitura consciente, mediando uma discussão sobre temas abordados nas histórias. Ao mesmo tempo promover a aquisição de capacidades discursivas e argumentativas essenciais para que o aluno tenha condições de ter acesso a uma formação de leitores mais próxima das suas práticas sociais, é ter um olhar diante de outra cultura, um olhar globalizado.

Os mangás oferecem um formato de comunicação bastante rica e lúdica, trazendo uma leveza, mas também proporcionando a densidade e complexidade necessária para trabalhar temas mais profundos, que atraem crianças a adultos. Nas últimas décadas, o mangá se tornou um produto dos mais importantes da cultura pop do Japão e passou a fazer grande sucesso no ocidente. Os quadrinhos sempre mantiveram um diálogo criativo e produtivo com a literatura, essa aproximação se dá de várias formas, como a quadrinização:

O reconhecido editor brasileiro de quadrinhos, Adolfo Aizen, fundador da Editora Brasil-América Ltda (EBAL), cunhou o termo “quadrinização” para se referir à obra em quadrinhos que tomou como ponto de partida no Brasil por publicar as artes da Classics Illustrated e por promover a quadrinização de obras de autores brasileiros. Sua coleção teve 200 números na série principal, publicados entre 1948 e 1962 (BORGES, 2018, p.164)

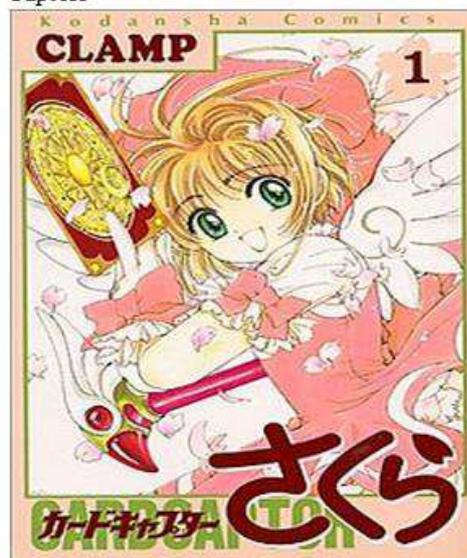
Quanto ao aspecto técnico, encontramos um vocabulário simples e acessível, muitas vezes uma linguagem informal. É possível encontrar mangás com textos adaptados a uma linguagem mais coloquial, como a adaptação de “Dom Casmurro”, para o estilo do mangá. Luyten (2018) apresenta a versatilidade que os mangás oferecem, atingindo todos os gêneros (homens e mulheres) e faixas etárias. Estes textos trazem em sua essência ensinamentos e valores a serem repassados aos alunos, como a importância da formação de caráter, que é possível ver em mangás populares como *Naruto* e *Dragon Ball*, bem como também a importância da amizade e companheirismo, que é possível ver em *Sakura Card Captors*.

Figura 4 - Capa do Mangá Dragon Ball



Fonte: Dragon Ball Wiki [http://pt-br.dragonball.wikia.com/wiki/Dragon\\_Ball\\_\(manga\)](http://pt-br.dragonball.wikia.com/wiki/Dragon_Ball_(manga))

Figura 5 - Capa do Mangá Sakura Card Captors



Fonte: Wikipedia [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cardcaptor\\_Sakura](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cardcaptor_Sakura)

Mas para que os discentes possam ter contato e possam apreciar esse universo, é imprescindível que os professores tenham o conhecimento a respeito dos mangás a serem utilizados em sala de aula, para orientar seus alunos acerca da importância das temáticas abordadas nos mesmos.

Há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, sua leitura sendo muito popular entre eles. Assim, a inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula [...]. A forte identificação dos estudantes com os ícones da cultura de massa – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos –, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático (VERGUEIRO, 2008, p.21).

As histórias em quadrinhos orientais trazem temas políticos, sociais e culturais que podem ser trabalhadas em sala de aula, pois os textos oferecem como referência para um debate entre os alunos, diante de diversos assuntos, como também para contribuir para o interesse do aluno pelo ato de ler e aprender.

Para MacWilliams (1952), o mangá é produzido a partir dos aspectos culturais, como eles refletem e moldam a sociedade japonesa e como eles vieram a ser o que são hoje, o que nos permite ter um olhar cultural diante do Japão e contribui para uma nova visão dos estudantes:

Se a literatura, o cinema, o teatro e a música popular são compreendidos como linguagens que podem expressar, e de fato expressam, diferentes pontos de vista e anseios que surgem da sociedade, os gibis são entendidos como leitura de criança e, portanto, têm que se adequar ao que se espera de uma literatura infantil (GRAVETT, 2006, p. 11).

Entendemos que a educação que se recebe na escola é um meio eficaz no desenvolvimento da cidadania e que a leitura tem um grande papel na formação de valores escolar nesse processo do indivíduo e o meio social, prática, proporciona a aquisição de novos conhecimentos e a perceber-se melhor o mundo que está ao seu redor.

Para Brandão (2018, p.34)

As histórias em quadrinhos são uma forma de comunicação muito rica que pode ser usada para entreter, informar e, também, educar. Elas são uma mídia onde cabem todos os gêneros e os mais diversos temas. “Os assuntos tratados nos quadrinhos podem ter a leveza e a ludicidade que encantam crianças e adolescentes, mas também podem mergulhar na densidade de temáticas adultas e complexas”

A leitura dos mangás, enquanto construção do indivíduo no meio social, passa a ser um instrumento específico que agrega conhecimento e valores para os estudantes, isso, incluindo ao mesmo tempo a formação de leitores e desenvolvendo um estudo cultural, que corresponde a toda uma comunidade.

Os japoneses libertaram a linguagem dos quadrinhos dos limites dos formatos e temas da tira de jornal ou das 32 páginas dos gibis americanos e expandiram seu potencial para abranger narrativas longas e livres, feitas para ambos os sexos e quase todas as idades e grupos sociais. Os japoneses transformaram os quadrinhos em uma poderosa literatura de massa, capaz de fazer frente ao aparentemente imbatível domínio da televisão e do cinema (GRAVETT, 2006, p.18).

A discussão sobre a formação de um leitor de quadrinhos japoneses pode ser determinante no processo de formação de leitores, pois não se limita ao espaço da sala de aula ou apenas à decodificação, mas a um processo mais amplo de contato com um texto carregado de elementos culturais explícitos, que podem causar tanto o estranhamento quanto o encantamento no leitor. Além disso, por serem concebidos pensando em públicos a serem direcionados, os mangás podem servir como instrumento para debater e trazer discussões acerca de questões de gênero em sala de aula, pois existe uma divisão sexista dentro da produção dos quadrinhos orientais. Essa divisão é feita através do gênero, e existem detalhes dessa segmentação que podem servir para discutirmos questões relacionadas a representações e papéis de mulheres e homens, sejam eles ficcionais ou reais.

## 2 O MANGÁ NA SALA DE AULA: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO

Os mangás, como comentado anteriormente, apresentam uma segmentação em relação ao seu público e geram um potencial significativo no ensino das questões de gênero, em sala de aula. Um dos principais motivos é o de serem divididos em categorias que mantêm relação com a cultura japonesa. A editoração das revistas é feita para públicos específicos.

As revistas em quadrinhos orientais apresentam diferentes temas, que são separados por idade e questões de gênero. Luyten (2018, p.117) explicita a relação dos mangás com o público infanto-juvenil, como podemos ver na divisão a seguir, a partir da faixa etária:

A) *Kodomo* mangá: destinado a crianças pequenas, de 6 a 10 anos. Além das histórias, possuem páginas para colorir e jogos.

B) *Shogaku*: é uma categoria para crianças praticamente desconhecida fora do Japão. São didáticas, para os vários graus do ensino elementar japonês. As revistas *Shogaku-nensei* foram originalmente lançadas como revistas de entretenimento educativo, dirigidas a estudantes de idade específica contendo mangás para as idades apropriadas e histórias, artigos, dicas de estudo, quebra-cabeças e jogos. São as revistas de duração mais longa da editora *Shogakukan* lançada em 1922.

C) *Shonen*: destinado a garotos adolescentes, público jovem masculino na faixa de idade de 12 a 18 anos.

D) *Shoujo*: destinado a garotas adolescentes, entre 12 a 18 anos.

A autora também aborda em outro texto que o conteúdo varia de acordo com a idade e há uma gama de assuntos “enfocados como história, língua vernácula<sup>5</sup>, matemática, moda e conselhos úteis aos alunos de diversas maneiras: por meio de contos com personagens históricas, fotografias, desenhos etc.” (LUYTEN, 2005 p.39).

Para Gravett (2004), os enredos dos mangás são bastante variados: eles são feitos para pessoas de todos os sexos e idades, acessíveis a todas as camadas sociais e apresentam temas que agradam diversos gostos. Quanto à disseminação dos mangás no Brasil, a pesquisa realizada pelo instituto Pró-Livro, intitulada “Retratos da Leitura no Brasil”, em 2008, mostra que as histórias em quadrinhos (incluindo os mangás) fazem parte do universo de leituras dos brasileiros, sendo o gênero mais lido entre os homens e o sétimo mais lido pelas mulheres. Especificamente entre estudantes até a quarta série, os quadrinhos são o terceiro item mais mencionado.

---

<sup>5</sup>Próprio de um país, nação, região.

O foco será trabalhar a relação entre os mangás *Shounen* e *Shoujo* em sala de aula, por serem mais populares no Brasil, e fazerem parte do dia-a-dia de alunos que possivelmente são leitores de quadrinhos ou consumidores de desenhos animados japoneses. Através desse gênero textual visualiza-se, em termos históricos, o Japão com sua cultura tradicional e patriarcal.

O Japão passou por um choque cultural e social durante a Era Meiji<sup>6</sup>, que teve como modelo de inspiração o Ocidente, e mesmo que a sociedade oriental apresentasse fortes mudanças, ainda existia uma intensa necessidade de modificações estruturais e polêmicas, principalmente em relação às questões de gênero, ponto a que daremos foco. Mesmo trazendo alguns padrões ocidentais na Era Meiji, quando o assunto eram as mulheres, os japoneses não acreditavam que as coisas deviam mudar. E mantinham um olhar patriarcal, tendo poucas alterações ou quase nenhuma. A memória do passado feudal, as histórias e as tradições japonesas ainda continuam presentes na vida da população japonesa, e muitas vezes isto fica claro nas histórias apresentadas nos mangás.

Comparado ao modelo europeu e norte-americano, o modo de vida japonês estava bastante atrasado no tocante à área dos direitos femininos. A mulher oriental conseqüentemente era tratada de maneira inferior aos olhos da sociedade e suas responsabilidades não ultrapassavam o âmbito da casa e da família. Mesmo com algumas mudanças na parte social e cultural japonesa, alguns elementos essenciais do caráter nacional permaneciam fortes. Isso explica a presente inferiorização do papel feminino no Japão, sendo possível visualizar isto nos mangás.

Ciente disso, nossa pretensão é de compreender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, inferindo o que compreendemos a partir de uma leitura do mundo oriental, da importância dos mangás no Brasil, da cultura pop japonesa e de como os elementos do gênero textual em questão passam a fazer parte do dia a dia de alguns jovens, que se identificam com os mangás.

Luyten (2005) nos lembra que o Brasil possui a maior colônia nipônica fora do Japão. Esta comunidade mantém a tradição de ler as histórias em quadrinhos japonesas através de seus imigrantes e tornou-se pioneira não só na leitura, como na produção de mangás fora do Japão desde a década de 1960. Os mangás, que inicialmente eram produtos

---

<sup>6</sup>**Era Meiji** constitui-se no período de quarenta e cinco anos do Imperador **Meiji** do Japão, que se estendeu de 3 de fevereiro de 1867 a 30 de julho de 1912. Nessa fase, o Japão conheceu uma acelerada modernização, vindo a constituir-se em uma potência mundial.

locais no Japão, se tornaram produtos de consumo internacional, uma vez que as histórias lidam com temas universais, como amizade, lealdade, perseverança, coragem e amor. Desse modo, acabaram se encaixando em diversos países, se adaptando à realidade de consumo local, e tornando-se cada vez mais populares.

Segundo a referida autora (2018), conseguimos entender que os mangás dão destaque ao crescimento da personagem e seu desenvolvimento no cotidiano. São mostradas suas virtudes, qualidades e as fraquezas para superá-las. As histórias trazem pessoas simples, fazendo coisas “normais” e cenários com os quais se identificam: a escola, a rua, o bairro onde moram, o interior de suas casas.

O fato de pelo menos metade dos personagens que embarcam em tais viagens em mangás e animes serem do sexo feminino também fornece algumas oportunidades interessantes para discutir os papéis de gênero e parecem colaborar para o gosto pelo desenho nas jovens alunas (os) da leitura destes textos.

De acordo com Schilling (1997, p.206, apud, McWilliams, 2008, p.114)

[...] até recentemente quadrinhos para meninos ou homens jovens receberam muito mais atenção crítica do que aqueles para meninas. Embora as histórias em quadrinhos para meninas (*shoujo*) possam legitimamente reivindicar um grande sucesso atual no segmento, elas têm sido considerados como "cidadãs de segunda classe" no mundo do mangá.<sup>78</sup>

Quando observamos a divisão dos mangás é possível perceber claramente a cultura patriarcal que existe por trás dessa segmentação. A escola é uma instituição social que também pode produzir e reproduzir os valores presentes na sociedade, propagando discriminações e preconceitos. Neste contexto, discutir o gênero enquanto construção social do feminino e do masculino e elemento das relações sociais em sala de aula é uma forma de desconstruir comportamentos e ideias que estão arraigadas no cotidiano escolar.

No que se refere ao aspecto visual, como podemos observar a seguir, as capas dos mangás, *Shounen e Shoujo*, trazem temáticas diferenciadas de acordo com o gênero a que são

---

<sup>7</sup>As manga's influence on popular culture grows, Japanese universities are offering classes in manga studies, and government agencies now eagerly tout manga as an important Japanese cultural export (Nakano 2004). Manga genres have been divided along gender lines, however, and until recently comics for boys or young men have received far more critical attention than those for girls. Although girls' comics (*shōjo manga*) can rightfully claim a large share of the medium's current success, they have been regarded as "second-class citizens" in the manga world (Schilling 1997, 206).

<sup>8</sup>Tradução livre

direcionados. Enquanto as capas dos Mangás *Shonen* têm uma abordagem de heróis e mais agressivas, e cores mais fortes em seus desenhos; os Mangás *Shoujo* trazem cores mais claras e pasteis, flores e casais, demonstrando a compreensão cultural que os mangás apresentam para seus leitores.

Figura 6 - Capas de Mangás *Shounen*.



Fonte: Shonen Mania <https://shonenmania.wordpress.com/2013/04/21/a-shonen-jump-de-2010>

Figura 7 - Capas de Mangás *Shoujo*.



Fonte: Shoujo Café [http://www.shoujo-cafe.com/2011/04/ranking-da-taiyosha\\_24.html](http://www.shoujo-cafe.com/2011/04/ranking-da-taiyosha_24.html)

Antes, porém, de apresentarmos as questões de gênero nos mangás vamos entender um pouco o conceito de gênero, segundo Scott (1995, p.14):

No seu uso mais recente, o “gênero” parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual” [...] Segundo esta opinião, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e nenhuma compreensão de qualquer um poderia existir através de estudo inteiramente separado.

A referida estudiosa apresenta-nos gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Então, quando apresentamos as questões de gênero em sala de aula, possibilitamos que os alunos e alunas aprendam sobre essas relações, e possam desconstruir certas ideias construídas culturalmente em nossa sociedade. De acordo com Louro (1997, p.21):

Não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Para Saffioti (2004), o conceito de gênero é vasto, podendo ser compreendido de forma ambígua a se encaixar em uma ideia, e visualizado como uma ferramenta que pode ser manipulada de diversas formas:

Assim, se gênero é um conceito útil, rico e vasto, sua ambiguidade deveria ser entendida como uma ferramenta para maquiagem exatamente aquilo que interessa ao feminismo: o patriarcado, como um fato inegável para o qual não cabem as imensas críticas que surgiram (SAFFIOTI, 2004)

A desigualdade de gênero é uma questão a ser tratada e desconstruída dentro do âmbito escolar. Meninos e meninas são educados sob padrões rígidos de comportamento definidos socialmente, e no mangá essa diferença, é ainda mais fácil de observar. Para Louro (1997) em seu texto: “A utilização do conceito de gênero nos permite entender como as diferenças nas relações entre homens e mulheres foram/são construídas, ao longo do tempo, pelas culturas e sociedades”.

Para Carvalho (2000), o gênero faz parte da construção social:

O gênero faz parte da identidade pessoal, assim como o sexo, a cor da pele, a classe social, e as demais circunstâncias sociais e culturais. Por outro lado, a atribuição de gênero não se restringe apenas aos comportamentos dos sujeitos, mas se projeta também nas práticas e instituições sociais, que podem ser qualificadas de masculinas e femininas, conforme os valores que expressam.

Tratar das questões de gêneros nas escolas exige um posicionamento dos professores neste processo de formação de seus alunos, para que possam perceber que nos diferentes contextos históricos, políticos, sociais e culturais, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas gerando tensões e conflitos. A abordagem que a escola toma diante das relações da questão de gênero na educação, exige uma reformulação do modelo de ensino, não só dos professores, como também todo o conceito didático da escola. Deve-se deixar clara a necessidade de tomar uma abordagem mais adequada para os alunos do ensino médio e fundamental, utilizando os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, que garantem sobre o estudo de gênero que:

As áreas convencionais devem acolher as questões dos Temas Transversais de forma que seus conteúdos as explicitem e que seus objetivos sejam contemplados. Por exemplo, a área de Ciências Naturais inclui a comparação entre os principais órgãos e funções do aparelho reprodutor masculino e feminino, relacionando seu amadurecimento às mudanças no corpo e no comportamento de meninos e meninas durante a puberdade e respeitando as diferenças individuais. Dessa forma, o estudo do corpo humano não se restringe à dimensão biológica, mas coloca esse conhecimento a serviço da compreensão da diferença de gênero (conteúdo de Orientação Sexual) e do respeito à diferença (conteúdo de Ética). Assim, não se trata de que os professores das diferentes áreas devam “parar” sua programação para trabalhar os temas, mas sim de que explicitem as relações entre ambos e as incluam como conteúdos de sua área, articulando a finalidade do estudo escolar com as questões sociais, possibilitando aos alunos o uso dos conhecimentos escolares em sua vida extraescolar. Não se trata, portanto, de trabalhá-los paralelamente, mas de trazer para os conteúdos e para a metodologia da área a perspectiva dos temas (BRASIL, 1998, p.27)

Para Louro (1997), certas condutas e formas de comportamento, diferenciadas pelo sexo, são aprendidas e interiorizadas, tornando-se quase que naturais. Observamos essa interiorização na relação em que os contextos das histórias em quadrinhos orientais são apresentados, com a diferença por gênero ficando clara: o mangá *shounen* costuma ser menos realista voltada para a literatura fantástica e mais sobre amizade, coragem, trabalho em equipe, conquistar obstáculos, normalmente surge em gêneros de ação e comédias, enquanto os mangás *shoujo* são mais voltados para a temática de romance e as relações sentimentais.

Segundo Yoko Fugino (2002), os primeiros *shoujo* mangá eram escritos por homens para meninas que estavam principalmente no primário e a temática girava em torno dos conflitos familiares, em especial a relação mãe e filha, e dos romances idealizados.

Desta forma, acreditamos que o mangá pode ser um instrumento de discussão tanto para a formação de leitores quanto como suporte para o estudo das questões de gênero. Ter o mangá em sala de aula como material de fonte primária de outra cultura para envolver e entusiasmar alunos de vários níveis é uma boa oportunidade que os professores podem ter para desenvolver diversos trabalhos da questão de gênero, principalmente voltadas à cultura japonesa retratada nos textos em questão. Para Louro (1997, p.113):

A voz do/a professor/a, fonte da autoridade e transmissora única do conhecimento legítimo, é substituída por múltiplas vozes, ou melhor, é substituída pelo diálogo, no qual todos/as são igualmente falantes e ouvintes, todos/as são capazes de expressar (distintos) saberes.

Os Mangás *Shounen* são mais populares em nosso país, carregam temáticas como esportes, aventura ou até mesmo romance, mas eles sempre apresentarão batalhas, podendo estas serem físicas ou psicológicas. Apresentam também personagens fortes e dedicados a sacrificar sua vida por um bem maior.

Luyten (1991, p. 48) nos mostra ainda que:

[...]os personagens de mangá, ao contrário dos super-heróis produzidos no ocidente, são heróis concebidos a partir do mundo real, nos quais as pessoas podem encontrar, além de uma espécie de miniatura de suas vidas, os ingredientes para vivenciar suas fantasias. São abundantes e oferecem uma válvula de escape silenciosa, afeita aos japoneses, que preferem reprimir e interiorizar os sentimentos.

Figura 8 – Personagens de Mangás *Shounen*



Fonte: Shonen Mania <https://shonenmania.wordpress.com/2013/04/21/a-shonen-jump-de-2010/>

Ocorre, assim, de forma recorrente, um conflito entre o protagonista, que enfrenta seus rivais e os seus valores. É comum que exista uma busca pelo seu desenvolvimento físico,

o protagonista tenha que enfrentar conflitos interiores e, por fim, passar por um amadurecimento.

Luyten (1991, p. 77) complementa a respeito do herói nos mangás:

Os heróis são retratados como pessoas comuns que desejam tornar-se os melhores naquilo que estão empreendendo. [...] A ação das histórias está voltada para como deve ser o desempenho do herói para alcançar o sucesso: treinos exaustivos, força de vontade e muita paciência

Também é característica do mangá *Shounen* ser recheado de apelo sexual, ao tratar do assunto com desenhos realistas, explorando a nudez, em que qualquer insinuação ao ato sexual detalhadamente ocupa várias páginas e quadrinhos ou cenas longas e picantes.

Luyten (1991, p.56) também apresenta que “dentro da temática do samurai invencível, do esportista e do aventureiro, tendo como constante as condutas japonesas típicas de autodisciplina, perseverança, profissionalismo e competição”. Em contra partida, no Mangás *Shoujo* são trabalhados temas, tais como: encontrar o primeiro namorado, essas histórias costumam ter uma protagonista do sexo feminino, tornando mais fácil às garotas se identificarem com uma protagonista do que um personagem masculino, com tramas voltadas especialmente para o romance idealizado.

Figura 9 – Mangá *Shoujo*



Fonte: Garotas Geeks <http://www.garotasgeeks.com/>

Esse mangás, os *Shoujo*, são cheios de simbolismo. Um dos principais é a utilização das flores. As flores são bastante representativas. “Nessa linguagem, cada flor tem um significado: as margaridas geralmente denotam simplicidade; os crisântemos, sensibilidade e

as rosas, sensualidade” (Gravett, 2006, p.83). Elas trazem uma idéia de fragilidade na imagem das personagens femininas.

Quando analisadas as temáticas de cada mangá, fica claro como meninas e meninos são tratados e visto de formas distintas. Cabe ao professor instigar o aluno e aluna a compreender que essa diferença não é deve ser vista pela ótica exclusiva da natureza dentro da discussão das questões de gênero, assim algumas especificidades como sexualidade, preconceitos, machismo, igualdade/desigualdade de direitos, homossexualidade, entre outras, merecem a devida atenção na formação de uma sociedade mais tolerante e respeitosa em relação à diversidade.

Por muito tempo a ideia de padrões de comportamento entre o feminino e masculino foi enraizada culturalmente, e muitas vezes não questionadas. Como foi visto anteriormente, ao se falar sobre gênero muitas das vezes podia-se pensar apenas sob o ponto de vista dos argumentos biológicos que reproduzem desigualdades sociais relevantes entre os sexos. A diferença entre homem e mulher era abordada de forma naturalizada, pois a diferença orgânica e fisiológica representava o corte simbólico entre homens e mulheres.

O mangá pode ao mesmo tempo apresentar temas considerados mais masculinos, pela tradição, e até sob um ponto de vista machistas, e preconceituoso, porém é possível perceber que nas histórias que fogem desse modelo, trazem personagens femininas no papel de heroínas, e apresentam bastante ação, um perfil diferenciado do modelo do *shounen*, mais patriarcal, centrado nos personagens masculinos e com personagens femininas no papel de meras figurantes ou personagens secundárias. Há, também os personagens *Bishōnen*<sup>9</sup>, que tem aparência mais feminina, mas são do sexo masculino.

---

<sup>9</sup>**Bishōnen** ,podendo também ser escrito como bishounen, é um termo japonês que significa, literalmente, "belo jovem (garoto)". O termo descreve uma estética que pode ser encontrada na Ásia: um jovem homem cuja beleza (e poder de atração sexual) transcende os seus limites de gênero e orientação sexual.

Figura10 – Personagem Urushibara Ruka



Fonte: [https://aminoapps.com/c/otanix/page/item/ruka/KKzX\\_LwcKIp5YNr2b413KQ73Nnn1g5wXZ](https://aminoapps.com/c/otanix/page/item/ruka/KKzX_LwcKIp5YNr2b413KQ73Nnn1g5wXZ)

São exemplo de desconstrução do *Shoujo*, as histórias do mangá *Sailor Moon*<sup>10</sup> que redefiniram o termo, pois apresentam garotas “normais”, que se transformam e ganham poderes mágicos para combater o mal. Mais tarde, este se tornou um dos padrões principais do gênero *Mahōshōjo*<sup>11</sup>.

Foto 11- Sailor Moon



Fonte: <http://three-lights.net/gallery/banpresto/sailor-moon-s-jumbo-carddass-ii/sailor-senshi-57/full>

<sup>10</sup>**Sailor Moon**, conhecido no Japão como **Pretty Soldier SailorMoon** ("Graciosa Guerreira Marinheira da Lua" ou "Linda Guerreira SailorMoon"), posteriormente adotado como **Pretty Guardian SailorMoon**, é uma série de mangá escrita e ilustrada por NaokoTakeuchi entre 1992 e 1997. Fred Patten credita a série pela popularização do termo magical girl (Mahōshōjo), enquanto Paul Gravett fala que a série revitalizou esse gênero.<sup>1</sup> SailorMoon redefiniu o termo, pois apresenta garotas normais, que se transformam e ganham poderes mágicos para combater o mal. Mais tarde, isso se tornou um dos padrões principais do gênero Mahōshōjo.

<sup>11</sup>**Mahōshōjo** (menina(s) mágica(s)) é um sub-gênero de anime e mangá shōjo e um tipo de personagem feminina jovens com poderes mágicos.

O processo de reflexão, acerca do mundo e o que o rodeava, foi ao decorrer do tempo se transformando e reinventando os quadrinhos japoneses. E essas transformações foram ganhando espaço de acordo com a necessidade do público. Podemos observar que essas modificações não só aconteceram nos mangás, mas no meio social como um todo.

Tais referências podem ser úteis para os Estudos Feministas. Afinal, homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos "contendores" é, por antecipação e para sempre, o vencedor. (LOURO, 1997, p. 39 e 40)

Então, mesmo utilizando o mangá que vem de uma cultura machista, esse não deve ser o único conceito a ser apresentado aos alunos, o educando (a) deve ser apresentado (a) a um conceito mais amplo diante do estudo das questões de gênero, pois o próprio termo traz esse leque de possibilidades de discussões. Entre essas a linguagem e suas diferenças de gênero, a diversidade de olhares presentes na representação das histórias, além de evidenciar alguns aspectos da ideologia oriental que constrói a ideia de gênero de acordo com suas necessidades.

Para Saffioti (2004), o gênero está longe de ser um conceito neutro. Pelo contrário, ele “carrega uma dose apreciável de ideologia” (p. 136): justamente a ideologia patriarcal, que cobre uma estrutura de poder desigual entre mulheres e homens. Porque o conceito de gênero, na sua visão, não atacaria o coração da engrenagem de exploração-dominação, alimentando-a. O diálogo entre o estudo de gênero e o mangá, vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental.

Portanto, pensar o conceito de gênero, é compreender não se tratar apenas do elemento biológico, mas relacioná-lo com a parte cultural e social, conforme explicita Scott (1995, s/p):

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Podemos entender então, que o gênero se torna uma maneira de indicar a criação social sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e das mulheres. A discussão sobre a formação de leitores e o ensino da questão de gênero através do mangá, abre uma possibilidade de maior espaço, dentro da escola, pra trabalhar os dois assuntos em sala de aula, o que não se limita à ferramenta de decodificação de um texto, mas de uma formação social dos leitores.

O debate sobre as questões de gênero nas escolas não pode se manter apenas nos diálogos dos professores, ou visto em sala de aula entre os alunos de forma despreparada. O tema vai muito além dos muros escolares e deve ser tratado com as famílias e com toda a comunidade, desvendando tabus e esclarecendo posicionamentos e construções de conceitos. Observaremos no capítulo seguinte como, ao logo do tempo, os modelos de mangás *Shoujo* provocaram uma revolução entre as personagens e como as escritoras adentraram em um mundo prioritariamente masculino, até então, e transformaram o espaço dos *Shoujo* em uma luta política.

### 3- A CULTURA DO MANGÁ *SHOUJO* – UM OLHAR SOBRE A FIGURA FEMININA

Como foi destacado ao longo do capítulo anterior, a cultura pop japonesa em geral é altamente sexista e muitas vezes machista. E no interior deste cenário, os mangás foram divididos ao longo do tempo, em correntes de subdivisão de gênero. O Mangá *Shounen* voltado para o público masculino e o *Shoujo* Mangá, escrito para o público feminino. Vamos conhecer um pouco do contexto dos quadrinhos para garotas. Valéria Fernandes (2011, p.02) apresenta o seguinte recorte histórico do *Shoujo*:

A primeira revista com quadrinhos focada nas meninas e adolescentes, a *Shojo Club*, nasceu em 1923. As revistas para meninas e moças já existiam desde os primeiros anos da Revolução Meiji (1868) e tinham como objetivo formar boas esposas e mães. Assim como suas similares ocidentais, trazia conselhos, contos ilustrados, lições de culinária, corte e costura, etiqueta, etc. Como ressalta Matt Thorn, no Japão antes da II Guerra, meninos e meninas eram educadas em escolas separadas e homens e mulheres viviam de muitas maneiras em mundos quase distintos, não era surpreendente que as revistas em quadrinhos para crianças também fossem separadas. A grande diferença da *Shojo Club* era trazer quadrinhos em aproximadamente 30% de suas páginas. Só que ao contrário dos mangás modernos, que são em sua maioria histórias seriadas, a *Shojo Club* trazia “gags mangá”, histórias curtas e com conteúdo humorístico e moralizador.

Tendo como modelo o Brasil, a vida japonesa é de certo modo arcaica, seguindo um modelo patriarcal, bastante intransigente em especial em relação aos direitos femininos.

Em outro trabalho, o autor apresenta que os mangás/animes *shoujo* dos anos 70 foram responsáveis por levar as mulheres ao mercado de trabalho e estimular a discussão feminista e de gênero como uma constituição social (SILVA, 2007, p.11-12).

O termo *shoujo* se refere a um papel de gênero socialmente conservador que teve sua origem à fase formativa do sistema educacional no final do século XIX e início do século XX. Como podemos perceber, essas HQs trazem consigo uma carga cultural forte em relação ao que a sociedade japonesa espera das mulheres, e como deve ser o seu comportamento, com uma visão bem diferente do público masculino.

As diferenças de gênero, neste caso, resultam na suposta fragilidade física feminina, mediante uma educação distinta, de imposição de tarefas, diferenciadas para meninos e meninas que são direcionadas nos mangás compondo uma unidade de significação. Sendo ainda analisada e interpretada ao considerar a natureza de cada tipo de texto em relação à situação discursiva e ao conjunto de discursos possíveis que fazem emergir as significações, a

partir da cultura, crenças e ideologias que povoam o imaginário coletivo onde tais discursos circulam, os mangás colaboram para reforçar ideias e concepções.

Também servem para ilustrar a representação do espaço do feminino nas histórias das HQs orientais, como também suas autoras. Conduzimos nossas análises considerando, igualmente, que o desenvolvimento dos papéis de gênero e a formação de identidades são discursivamente construídos e aprendidos nas relações históricas, sociais e culturais, nas quais o sujeito se inscreve desde seu nascimento.

O mangá Shojo como um gênero distinto está intimamente ligado à subcultura de garotas japonesas conhecidas como *shôjo bunka*. Esta subcultura surgiu no início do século XX, quando as revistas literárias desenvolveram modos distintos de contar histórias e estilos de arte que atraíram meninas leitoras. No período pós-guerra, essas revistas mudaram de um formato baseado em texto para um formato de mangá, mas permaneceu o estilo estético que os marcou como "autenticamente" direcionado a um público feminino. O gênero contemporâneo de *shoujo mangá* está intrinsecamente ligado à subcultura das meninas e jovens mulheres que tanto produzem quanto consomem estes textos. (MACWILLIAMS, 1952, p. 114).

Observamos, no capítulo anterior, uma valorização dos quadrinhos para meninos ou homens jovens que receberam atenção considerável da crítica se comparados aos mangás para meninas. Diferente dos *shonen* que contam a ‘jornada do herói, os *shoujo* contam em sua maioria, as passagens e rituais da vida feminina, tais como: o primeiro amor, o primeiro beijo, a primeira vez que se vê como mulher, e também, a primeira noite de sexo. Conforme aponta Macwilliams (1952, p. 114):

Foi somente em meados da década de 1970 que os críticos masculinos prestaram atenção aos *shoujo*, e mesmo assim, os críticos lidaram com obras-primas que não eram representativas do gênero como um todo. Como resultado, a história e estrutura genérica das histórias em quadrinhos feitas para meninas não foram estudadas tão amplamente quanto as dos meninos.

É comum que os mangás *Shoujo*, contemplem várias modalidades em suas histórias, tais como: o drama, a ação e o mistério, mas o que percebemos é que possuem um forte foco em relacionamentos amorosos e emoções humanas, histórias românticas, seguindo em boa parte o mesmo modelo de aproximação de indivíduos totalmente diferentes, com contextos sociais bem distintos, que se unem em casais totalmente inesperados e pelo menos um dos

dois é doce e ingênuo, enquanto o outro é mais extrovertido, fazendo com que um complete o outro reforçando uma estrutura comum.

MacWilliams (1952, p.116) afirma que “o termo *shoujo* se refere a um papel de gênero socialmente conservador que deve sua origem à fase formativa do sistema educacional no final do século XIX e início do século XX.” A ilustração destes mangás segue e reafirma muitas vezes as ideias das quais os textos representam sendo de extrema importância na sua concepção.

No mangá *shoujo* isso não é diferente, um dos ilustradores mais populares neste período inicial foi Yumeji Takehisa<sup>12</sup> (1884-1934). Seus trabalhos traziam modelos finos e frágeis com rostos pálidos do *shoujo*, o modelo ideal dos anos 1910 e 1920.

A tarefa das ilustrações nestas revistas era visualizar as qualidades internas da ingenuidade sexual como algo que deve ser percebido, enquanto que os romances de folhetim muitas vezes ao lado dos poemas promoviam a inocência e doçura da *shoujo*, descrevendo-a verbalmente como uma "flor fresca no campo".(MACWILLIAMS, 1952, p. 119).

Para MacWilliams(1952, p. 116.), as ilustrações também trazem uma característica desta fragilidade, buscando de alguma forma representar o feminino tal qual concebida pela cultura japonesa. As ilustrações foram fundamentais para o desenvolvimento de uma imagem reconhecível e atraente do *shoujo* perfeito.

Esses jovens do início do século XX revistas e romances femininos tipicamente focados nos sentimentos internos de suas jovens heroínas meninas, que personificaram virtudes femininas desejáveis e expressaram esses sentimentos em um estilo de prosa florido e emocional. As ilustrações que acompanharam essas histórias em revistas de antes da guerra eram retratos de garotas jovens que exibiam os mesmos ideais. (MACWILLIAMS, 1952, p. 116.)

---

<sup>12</sup>Nasceu em Oku (agora Setouchi), Okayama, no Japão. Sua casa de infância foi preservada e aberta aos visitantes. Está enterrado no Cemitério Zōshigaya, na área de Ikebukuro, em Tóquio. Em um estágio anterior de sua vida, pretendia se tornar um poeta, mas sabendo que não poderia ganhar a vida como poeta, começou a desenhar. Nunca estudou desenho em nenhuma escola de pintura, nem formalmente. Odiava o conceito de "artista", pois achava que eles eram bastante pretensiosos, o que, sem surpresa, incomodou muitos dos artistas de seu tempo, levando a críticas ruins da chamada elite. Fora dos círculos de arte, os trabalhos de Takehisa adquiriram grande popularidade entre as pessoas comuns e até hoje há muitos fãs ardorosos no Japão e no exterior. Takehisa morreu em 1934, aos 49 anos.

Figura 12- Ilustrações Yumeji Takehis



Fontes: Pinterest <https://www.pinterest.pt/pin/35817759511127766/visualsearch/?x=23&y=172&w=354&h=448>

As histórias dos romances de *shoujo* eram muitas vezes estereotipadas, traziam a ideia de virtudes principais da infância, enquanto utilizavam um estilo lírico que favoreceu a elegante retórica florescer sobre a progressão narrativa

Destinado principalmente a meninas desde a adolescência até os vinte e poucos anos, o gênero *shoujo mangá* apresenta arte decorativa e expressiva distinta, junto com histórias que enfatizam os sentimentos internos dos personagens; assim, é melhor definido como um gênero que combina poesia com ilustrações (MACWILLIAMS, 1952, p. 119).

Por muito tempo os homens tiveram o domínio do *shoujo* como criadores e editores e imprimiram sua visão masculina nas histórias. As artistas femininas gradualmente assumiram esta forma de arte a partir da década de 1960. Naquela época, as mulheres que cresceram imersas na subcultura *shoujo* de romances e revistas pré-guerra, formaram uma nova geração de artistas. Elas expressavam suas próprias emoções internas para as leitoras contemporâneas que estavam ansiosas para entrar neste mundo por, para e sobre garotas.

Neste sentido os mangás apresentam algumas mudanças quanto aos pensamentos sociais japoneses, como iremos verificar, principalmente as conquistas feministas, torna-se evidente, ainda que o pensamento machista prevaleça no Japão visivelmente nas histórias dos

mangás, sobretudo nos *shounen*. Ressaltando uma aparente representação do feminino como inferior das personagens nos mangás *shounen*, Luyten (1991, p.84) afirma que:

(...) os personagens femininos nas revistas para rapazes são frequentemente retratados como objetos sexuais ou mulheres idealizadas, usadas para dar mais encanto ou suavidade ao conteúdo do mundo do mangá masculino. Há uma tendência recente para a criação de personagens mais independentes ou amigos e confidentes de seus parceiros, porém isso é eclipsado pela grande porcentagem de heroínas tradicionais.

A objetificação da figura feminina fica clara em alguns mangás, como no mangá *One Piece*, que apresenta os corpos femininos sensuais, enquanto os personagens masculinos se apresentam como grandes guerreiros.

Figura 13- Cena do anime *One Piece*



Fonte: <https://gifer.com/en/3jMH>

Nos *shoujo* mangás as personagens femininas apresentam características e dramas “típicos” das mulheres. Nos enredos são privilegiados os aspectos psicológicos das personagens, seus conflitos e personalidades, porém, as imagens sempre são permeadas por um teor sensual e retratam mulheres magras, bonitas e arrumadas.

Nos mangás *Shoujo*, em sua maioria, são apresentados enredos melodramáticos e românticos, com temas de amores impossíveis, separações e rivalidades entre amigas. O mangá *Suki-tte li na yo*<sup>13</sup> traz um pouco dessa realidade, dos mangás *Shoujo*, cheios de romance e amor idealizados. A história apresenta o primeiro amor em torno de Tachibana Mei, uma garota que nunca fez amigos ou teve um namorado. Certo dia, ela acidentalmente

<sup>13</sup>Suki-tteli na yo. (Diga "Eu te amo") é um mangá shoujo escrito por KanaeHazuki.

machuca Kurosawa Yamato, o garoto mais popular do colégio. Por algum motivo, Yamato se torna interessado na Mei, e começa uma amizade não correspondida com ela. Ele até a protege de um perseguidor, a beijando.

Figura 14- Mangá Suki-tte li na yo



Fonte: <http://www.garotasgeeks.com/top-5-shoujo/2/>

MacWilliams, (1952) aponta, por sua vez, datas históricas para o *shoujo* mangá, que remontam ao desenvolvimento completo deste gênero no início do *shoujo* mangá, quando começou a se desenvolver completamente como um gênero no início dos anos 70. Este crescimento foi liderado por um grupo de jovens artistas femininas inovadoras conhecidas coletivamente como as Nijūyo-nen Gumi<sup>14</sup> ou o Grupo de Ano 24 que indicou o ano do seu nascimento, no Período Showa<sup>15</sup> 24 ou 1949. O grupo ficou conhecido por diversos pioneirismos e rompimentos de padrões, incluindo a abordagem de temas considerados tabus como sexualidade e questões de gênero.

<sup>14</sup>O Grupo do Ano 24 (Nijūyo-nenGumi ) refere-se a uma geração de influentes mulheres artistas que revolucionaram o shoujo mangá nos anos 70.

<sup>15</sup>O período *Showa* (*Shōwajidai*, literalmente "período iluminado de paz/harmonia), ou Era *Showa*, é o período da história do Japão correspondente ao reinado do Imperador Showa, Hirohito, de 25 de dezembro de 1926 até 7 de janeiro de 1989. O período Showa foi o mais longo período de todos os reinados dos Imperadores japoneses anteriores. Durante o período pré-1945, o Japão foi tomado pelo totalitarismo político, ultranacionalismo e imperialismo militar, culminando na invasão japonesa da China em 1937. Isso era parte de um período de grandes convulsões e conflitos sociais no mundo todo, como a Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial.

O mangá de maior sucesso nesse período foi “Rosa de Versalhes” graças à autora Riyoko Ikeda. A história de Rosa de Versalhes foi produzida entre 1972 e 1973, na mesma época em que as reivindicações pelos direitos das mulheres haviam tido início e estavam em evidência no mundo todo. E com temas que trazem à tona questões sobre gênero, senso de justiça, direitos humanos e momentos históricos, Ikeda revolucionou a forma de se fazer mangá para o público feminino, abrindo caminho e influenciando uma nova geração de *mangakás* dos mais diversos segmentos.

Figura 15- Mangá Rosa de Versalhes



Fonte:<https://quadrinhos.com/2017/10/16/lady-oscar-uma-rosa-de-versalhes-berusaiyu-no-bara-1972>.

A Mangaká Riyoko Ikeda(2010)faz os seguintes comentários sobre sua obra :

Quando a[Rosa de Versalhes] publiquei, os mangás eram livros que se liam uma vez e depois se jogava fora. A Rosa de Versalhes se tornou a primeira obra que fez o público refletir se valia a pena colecionar e tê-la em sua biblioteca. Deste ponto de vista, é um mangá que mudou completamente a percepção deste gênero pelo grande público e esta é uma coisa que me deixa extremamente orgulhosa.<sup>16</sup>

Quando o assunto são os escritores dos mangás, os anos de 1950 foram uma época criativa e de expansão das fronteiras, com um número cada vez maior de revistas dedicadas inteiramente aos quadrinhos e uma demanda crescente por novos autores. Valéria Fernandes (2013, P.04) identifica que: “No *shoujo* mangá, a coisa não era diferente, e este gênero não pode ser percebido como um derivado dos quadrinhos para garotos, mas um corpo autônomo

<sup>16</sup>Fonte:<https://quadrinhos.com/2017/10/16/lady-oscar-uma-rosa-de-versalhes-berusaiyu-no-bara-1972>.

que, pelo menos até meados da década de 1960, irá compartilhar autores.” A predominância masculina perde força, com autoras femininas trazendo seus textos para os mangás.

Osamu Tezuka, Leiji Matsumoto, Shotaro Ishinomori, produziam quadrinhos tanto para meninas, quanto para meninos. As mulheres autoras eram poucas como Machiko Hasegawa<sup>17</sup>, Maki Miyako<sup>18</sup>, Hideko Mizuno<sup>19</sup>, Chieko Hosokawa<sup>20</sup>. A profissão mangáka era uma profissão masculina, mas o amadurecimento das leitoras e a demanda de um mercado em expansão mudariam essa realidade a partir de meados da década de 1960 (SILVA, Valéria, 2013, p.04).

Os autores influenciam a forma como a obra é recebida pelo seu público alvo, que apresenta diferentes pontos de vista diante das questões de gênero e sua interpretação dos textos. De acordo com Silva (2004), entre os leitores existe uma estranheza de que as autoras de *shoujo* mangá não estejam preocupadas com o público masculino, as autoras têm uma preocupação em escrever para meninas e mulheres. Em uma sociedade centrada no masculino, em que a economia dos discursos é definida pelas demandas dos homens, esse tipo de arranjo pode parecer não somente economicamente inviável, mas discriminatório.

Porém, o contrário, a existência de uma variedade de quadrinhos que não se preocupam com as mulheres, nem em representar seus anseios e interesses, nunca foi um problema. Mais uma vez, a experiência dos quadrinhos japoneses é bem diferente, e isso não quer dizer igualitária, mas muito mais plural do que a nossa.

Embora os homens sempre tenham estado nos mangás *shoujo* como criadores e editores, as artistas femininas gradualmente assumiram a arte forma, a partir da década de 1960. Naquela época, as mulheres, que cresceram imersas no *shoujo* subcultura de romances e revistas pré-guerra, formaram uma nova geração de artistas. Eles expressaram suas próprias emoções internas para as leitoras contemporâneas que estavam ansiosas para entrar neste mundo por, para e sobre garotas. (...) Estas revistas dirigiram-se a leitores de meninas representando imagens idealizadas de infância. Esses jovens do início do século XX revistas e romances femininos tipicamente focados nos sentimentos internos de seus jovens heroínas meninas, que personificaram virtudes femininas (MACWILLIAMS, 1952, p. 115).

---

<sup>17</sup>Machiko Hasegawa (Hasegawa Machiko, Taku, 30 de janeiro de 1920 — Saga, 27 de maio de 1992) foi uma autora de manga, colecionadora de arte, desenhadora e escritora japonesa. É considerada uma das primeiras artistas de mangá.

<sup>18</sup>Miyako Maki é um ex-artista de mangá japonês. Ela fez sua estréia profissional em 1957 com *HahaKoi Warutsu*. Em 1961 ela se casou com o conhecido artista de mangá Leiji Matsumoto, depois do casamento, eles começaram a colaborar no *shōjomangá* misturando técnicas de fotografia e pintura.

<sup>19</sup>Hideko Mizuno é uma mangaka japonesa especializada no estilo *shōjo*.

<sup>20</sup>Chieko Hosokawa é um artista de mangá japonês. Ela fez sua estréia profissional em 1958 com *Crimson Rose*. Sua série *Crestofthe Royal Family*, que recebeu o *Shogakukan Manga Award* de 1991 pelo *shōjo*, tem sido continuamente publicada pela *Princess* desde 1976.

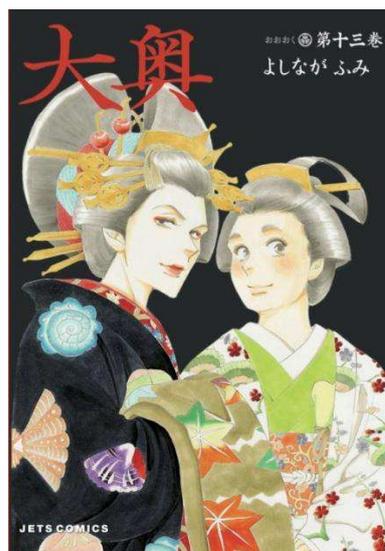
É precisamente este o conjunto de convenções literárias e visuais herdadas pelas mulheres artistas de quadrinhos quando *shoujo* mangá se desenvolveu como um gênero distinto após a Segunda Guerra Mundial.

Silva (2013) traz a escritora Fumi Yoshiga, como uma autora que contribuiu para o avanço das histórias *Shoujo* em 2005, quando afirma:

(...)a quadrinista iniciou a série *Ōoku*, mostrando um Japão feudal no qual boa parte da população masculina foi dizimada por uma peste e as mulheres assumiram o poder. Contando com nove volumes até o momento, a série vem reconstruindo meticulosamente o passado de um Japão no qual, por força das circunstâncias, a organização social, as relações de poder e os costumes precisaram ser reinventados.

Apona que o material do *shoujo* mais consagrado é voltado para meninas adolescentes e mantém a tradição de ter como protagonistas personagens com a mesma idade das leitoras alvo, porém em *Ōoku* o público é mais adulto que as protagonistas. Algumas das personagens são acompanhadas desde a sua mocidade – nascimento também. Originando uma visão diferente o maior protagonista da série foge do clichê do mangá *shoujo*, e traz a própria sociedade como protagonista, “(...) suas instituições, que precisam se adaptar rapidamente, abandonando estruturas patriarcais de poder em prol de uma organização na qual as mulheres passam a ocupar posições, de mando e no mundo do trabalho, outrora vedadas para elas.”

Figura 16 – Mangá *Ōoku*



Fonte :<http://www.shoujo-cafe.com/2018/06/comentando-ooku-vol-13.html>

O mangá *Sailor Moon* de Naoko Takeushi, também gerou uma nova visão para o público feminino, a história apresenta cinco guerreiras como protagonista da trama: Usagi Tsukino (Serena, na versão em português): Ami Mizuno (Sailor Mercúrio), Rei Hino (Sailor Marte), Makoto Kino (Sailor Júpiter) e Minako Aino (Sailor Vênus), e não apenas uma personagem feminina como protagonista. A trama também traz um olhar para a orientação sexual e a identidade de gênero das personagens.

Focando ainda nas *mangakás* o destaque é para a CLAMP: um grupo formado por quatro escritoras, que faz sucesso na indústria japonesa de mangá, tendo *Sakura Cad Captor*, entre elas:

CLAMP é uma referência em histórias fortes, com garotas e garotos cheios de sonhos e conflitos em suas jornadas repletas de fantasia em cenários e figurinos ilustrados magistralmente por Mokona – a quadrinista que criou o “DNA imagético” do grupo com seu traço forte e lírico. A trajetória delas se inicia com os *doujinshi* (quadrinhos independentes) em 1987 com a ‘*CLAMP BOOK*’. A ascensão foi muito rápida, e em 1989 ‘*RG Veda*’ se transforma no passe de entrada para o mercado editorial japonês.<sup>21</sup>

A ilustradora e coordenadora das equipes de produção dos mangás é Satsuki Igarashi, depois Nanase Ookawa, responsável pelos roteiros de mangás e animes, e também Relações Públicas do grupo; Tsubaki Nekoi – braço direito de Mokona, faz correções e sugestões para ilustrações e estudos de personagens. Mokona – a ‘alma’ do grupo, responsável pelas ilustrações e caracterização de personagens é apaixonada por roupas tradicionais japonesas e já lançou livros especializados.

Figura 17 –Grupo CLAMP



Fonte: <http://www.jnocnews.jp/news/show.aspx?id=86142>

<sup>21</sup>Fonte: <http://minasnerds.com.br/2016/09/30/clamp-quatro-mulheres-e-seu-sucesso-mundial-arrebatador/>

Para Silva (2011, p.09) nem tudo são flores, apresenta-se um pouco da visão capitalista que existe por trás das produções dos mangás:

O que vemos como importante ressaltar é que o *shoujo* mangá expressa aquilo que pensam e sentem as mulheres em sua multiplicidade. As autoras trazem para dentro de suas obras as suas experiências, parte delas é compartilhada socialmente, mas existe um componente individual, além dos múltiplos pertencimentos que cada uma delas possui. E cabe lembrar que ainda que as autoras sejam em sua maioria mulheres, os editores-chefes e os donos das editoras são homens. Além disso, a diversão e o lucro são os dois objetivos de qualquer gênero de mangá.

Mesmo que com um teor feminista e inovador, as obras visam o lucro, buscando também alcançar um maior número de leitores. O que sugere que as leitoras buscam um novo olhar do mangá *shoujo*. Assim, o que é feminino ou masculino em uma determinada sociedade precisa parecer aos nossos olhos como algo dependente da natureza e, não de uma série de regulamentos que precisam ser reiterados de múltiplas formas a cada momento.

Algumas escritoras femininas japonesas abordam uma nova temática nos mangás, como pudemos observar neste capítulo, buscando explicar o apelo do *shoujo* mangá para as leitoras e leitores que ainda não estão familiarizados com o gênero. Para elas, as autoras trazem as personagens de mangá *shoujo* como seus alter egos de forma a abarcar seu público cujas vidas fictícias espelham suas próprias vidas reais como mulheres modernas. Sem esquecer da importância que os mangás trazem para a formação de leitores em sala de aula, abordando também os assuntos voltados as questões de gênero, leitoras e na contextualização das sociedades e as diversas representatividades principalmente quanto ao gênero e como visto no capítulo referente à luta feminina por um lugar de igualdade de direito.

## CONCLUSÃO

A produção desta pesquisa foi de grande relevância, pois nos permitiu apresentar e ampliar o conhecimento dos mangás, principalmente no que se refere ao papel das mulheres na sua produção e figuração. Além disso, vimos que o mangá pode colaborar para a formação de leitores e discussão de temas transversais em sala de aula, notadamente os aspectos relacionados às relações sociais. Ao longo do seu período de inserção e desenvolvimento no ocidente o mangá vem apresentando forte relação com as questões de gênero.

No percurso traçado durante a pesquisa constatamos o quanto os mangás são importantes como ferramenta na formação de leitores infanto-juvenil. Enquanto ferramenta pedagógica traduz diversas leituras de mundo que podem ser exploradas por docentes e discentes. Os mangás oferecem uma carga cultural para o ocidente e já faz parte do nosso dia a dia e é importante considerar notadamente as questões de segmentação de público que ocorre tradicionalmente uma divisão por idade e gênero.

As características dos mangás voltadas a um determinado público, como o infanto-juvenil proporciona aos docentes mecanismos diversos através da linguagem verbal e não verbal a formação de leitores contextualizados, principalmente quando observamos as questões de gênero, ao lançar o olhar sobre os elementos que caracterizam a divisão entre os mangás *shounen* e mangás *shoujo*.

No que se refere aos mangás *shoujo*, na pesquisa notamos a relevância e o contexto histórico da produção destes mangás quanto às questões relacionadas às mulheres e à representação das personagens femininas. Assim como socialmente as mulheres através das suas lutas por igualdade ganham espaço, os mangás *shoujo* seguem a mesma trajetória. Antes apenas escritos por homens seguindo os traços patriarcais, conservadores e machistas com o passar do tempo adquiriu um novo olhar do feminino quando passou a ser escrito por mulheres e para mulheres, desmistificando a essência da fragilidade e inferioridade.

Concluimos que os mangás favorecem, por sua linguagem múltipla e por sua abordagem de mundo, possibilidades de discussão sobre diversos conceitos sociais e, por serem direcionadas ao público infanto-juvenil, se constituem como importante ferramenta para a formação de leitores. Este estudo torna-se relevante na proposição de uma ferramenta pouco utilizada na formação de leitores quanto da análise de um contexto cultural pouco estudado e contribui para transformar visões algumas vezes solidificadas, principalmente quando relacionadas às questões de gênero.

## REFERÊNCIAS

- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 2004.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1998.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Consciência de gênero na escola**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 6. reimpressão. São Paulo : Contexto, 2016.
- FUJINO, Yoko. **Identidade e Alteridade: A Figura Feminina nas Revistas Ilustradas Japonesas nas Eras Meiji, Taishô e Showa**. São Paulo: ECA/USP, 2002.
- GRAVETT, Paul. **Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos**. São Paulo: Conrad, 2006.
- SHOUJO CAFÉ. Entrevista com Riyoko Ikeda. Disponível em <<http://www.shoujo-cafe.com/2010/02/entrevista-com-riyoko-ikeda-parte-11.html>>. Acesso em xxx.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1997.
- LUYTEN, Sonia M. Bibe. **Cultura pop japonesa: mangá e animê**. São Paulo: Hedra, 2005.
- \_\_\_\_\_, Sonia Bibe. **Mangá: O poder dos quadrinhos japoneses**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Mangá produzido no Brasil: pioneirismo, experimentação e produção**. 2003.
- MACWILLIAMS, Mark Wheeler (Org.). **Japanese visual culture: explorations in the world of manga and anime**. New York: AnEast Gate Book, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- NETTO, Raymundo; VERGUEIRO, Waldomiro (Org.). **Coleção Quadrinhos em Sala de Aula: estratégias, instrumentos e aplicações**. Fortaleza - CE: Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. ed. , 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Coleção Brasil Urgente.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. **A cidadã paradoxal**: as feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis, Ed. Mulheres, 2002.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, 1994. P.23-57.

SILVA, Valéria Fernandes da. **Gênero, ShoujoMangá e História Alternativa**: Reflexões sobre Ooku de FumiYoshinaga. Labrys (Edição em Português. Online), v. 23, p. 00-00, 2013.

. **História, ShoujoMangá e Feminismo**: Um Olhar Sobre a Rosa de Versalhes. Labrys (Edition Française. Online), v. 20, p. X-XX, 2011.

. Mangá feminino, **Revolução Francesa e feminismo**: um olhar sobre a Rosa de Versalhes. História, Imagem e Narrativas, Vol. 5, p. 4 (2007). Disponível em:  
<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/04-manga-valeria.pdf>

\_\_\_\_\_. **Quando as mulheres tomam a palavra**: Reflexões sobre o ShoujoMangá, 2004.

VASCONCELLOS, Pedro Vicente Figueiredo. **Mangá-Dô**: os caminhos das histórias em quadrinhos japonesas. Dissertação (Mestrado) Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. et.al. Como Usar as Histórias em Quadrinhos nas Salas de Aula. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.